

ÍCONES E ÍNDICES NA SUPERFÍCIE TEXTUAL

Darcília Marindir Pinto Simões
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: *A partir da teoria da iconicidade de Peirce, analisamos as relações entre os significados lingüísticos e a representação da experiência por intermédio da produção escrita. O levantamento dos lexemas, dos semas e dos tipos sígnicos é a estratégia utilizada para determinar o poder de condução do leitor à mensagem básica em Meu tio o Iauaretê, de G. Rosa. Os signos são identificados como orientadores ou desorientadores da leitura, e o vocabulário ganha realce nesta análise lexicológico-semiótica, que objetiva estimular a exploração do texto literário e a investigação do léxico distribuído por domínios semânticos, com vistas ao enriquecimento do repertório do leitor e à ampliação de suas possibilidades de representação das experiências.* **PALAVRAS-CHAVE:** *seleção lexical — iconicidade — domínios semânticos*

ABSTRACT: *Using the theoretical framework of iconicity (Peirce), the objective of this paper is to analyze the relation between verbal meaning and experience representation in written texts. A semiotical and semantical survey is the strategy to select types of signs and communicative potential of words in which G. Rosa structures his narrative named Meu tio o Iauaretê. This analysis proposal aims, on one hand, to show the significative power — directing or not-directing — of the lexical unities in action in a text, and, in the other hand, to stimulate teachers and students towards literary text reading as a manner of increasing the reader's vocabulary and verbal expression.* **KEY-WORDS:** *lexical choice — iconicity — semantic fields*

O desenvolvimento de uma pesquisa (iniciada em 1988) — fundamentada na teoria da iconicidade de Peirce — sobre leitura e produção textual vem acentuando nosso interesse sobre o estudo do vocabulário. Com suporte em estudos correlatos resultantes de dissertações de mestrado produzidas sob nossa orientação, acabamos por dirigir nossa atenção para o estudo do léxico textual, tomado como objeto semiótico dotado de potencial icônico ou indicial capaz de conduzir o leitor à mensagem básica do texto, ao mesmo tempo que, nas relações construídas nos enunciados, define as funções-valores representadas pelas palavras e expressões com que se materializa o que se quer dizer.

Nesta comunicação, ilustraremos nossas descobertas-conclusões (ou sugestões de análise/classificação) em fragmento do conto *Meu Tio o Iauaretê* de Guimarães Rosa. Neste trabalho, procuraremos demonstrar as inter-relações semiótico-semânticas e estilísticas no emprego de itens lexicais ou mesmo fraseológicos, que acabam por desenhar com letras um mapa de leitura.

Em nossa perspectiva de análise, vimos discutindo a legibilidade textual levando em conta a natureza do texto e as marcas expressivas (icônicas) e impressivas (indiciais) manifestas no vocabulário. Aliamos assim os estudos lingüísticos aos semióticos a partir da tomada do texto verbal como signo visual, uma vez que este apresenta características correlatas às detectáveis nos textos ditos não-verbais.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LÉXICO

As unidades lexicais tomadas como objeto de uma investigação que se ocupa de questões relativas à forma e ao conteúdo traz à tona valores de natureza semiótica e semântica (Guiraud, 1986). Esta vai cuidar das significações construídas e correntes no universo de um sistema lingüístico; aquela vai tratar do processo de produção de sentido a partir da análise das funções-valores que os signos eleitos pelo produtor do texto adquirem na trama textual.

A função lexicológico-semiótica faz das palavras (signos atualizados em contextos frasais) signos evocadores de imagens. Em outras palavras: as unidades lexicais impregnam-se de conceitos (emergentes

da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor. A mente interpretadora se tornará tanto mais capaz de produzir imagens sob o estímulo do texto quanto mais icônicos ou indiciais sejam os signos com que seja tecido o texto.

Em outras palavras: a *semiose* é um processo de produção de significados. O *sentido* é a resultante da interpretação de um significado emergente de um texto, isto é, o signo tem seu significado delimitado pela estrutura textual e contextual de que participa, e o leitor (ou intérprete) procura desvelar um sentido que estabeleça a comunicação entre ele (leitor, co-autor) e o autor primeiro do texto.

Destarte, a produção do texto literário se mostra um amplo *corpus* de investigação de usos estratégicos de unidades léxicas, uma vez que a literariedade se instala a partir da renovação dos signos lingüísticos, ou seja, o texto literário será a última instância da produtividade lexical, em especial, pelo fato de naquele produto lingüístico experimentarem-se os usos mais insólitos para as formas da língua, com vistas a exibí-la não mais como um código apenas, mas como uma obra de arte, algo que surpreende o espectador a cada instante de contemplação.

A ilegibilidade centrada no léxico observada na produção textual escolar, teria suas raízes no curto repertório dos estudantes. Seus textos apresentam repetições excessivas e seleções impróprias que geram ruído na comunicação verbal escrita. Acredita-se que a ampliação de repertório possa ser agilizada por meio de estudos mais apurados do uso literário (observada a adequação textual ao nível do estudante). Para tanto, é preciso instrumentalizar os docentes para o uso apropriado de dicionários, enciclopédias e congêneres, pois as obras de referência lexicográfica e lexicológica são instrumentos fundamentais para o aperfeiçoamento do trabalho de produção textual, mormente no que tange à seleção do item léxico mais ajustado à expressão da idéia-tema.

Uma vez considerada a habilidade de apuração dos valores conceituais inscritos nos vocábulos e atualizados nas frases, cumpre observar igual habilidade na descoberta do potencial orientador (ou desorientador) que as formas da língua podem manifestar quando dispostas na superfície textual. Este é o plano semiótico de investigação. Neste nível, os signos não só carregam informações conceituais, mas também podem dirigir a leitura.

Segundo a semiótica aplicada de extração peirciana, o signo pode ser objeto estratégico para a construção da falácia ou da eficácia nos textos. Esta se constrói por meio dos ditos signos orientadores — que conduzem o leitor a uma mensagem unívoca; aquela resulta de uma tessitura ancorada em signos desorientadores — que induzem à interpretação de uma mensagem equívoca, ou no mínimo ambígua. Ao passo que o uso do signo desorientador é defeito nos textos referenciais, torna-se ele uma virtude quando se trata do texto literário, pois é por meio desse signo problemático que o artista atinge o signo da arte, uma vez que instaura a possibilidade da leitura plurívoca, ressalvados os limites semântico-temáticos engendrados.

A nossa análise, portanto, busca identificar as palavras-chave de cada porção de texto, a partir do levantamento dos núcleos sêmicos gerados pela expressão textual. Busca-se estabelecer uma média de sentido (uma vez que o sentido é uma produção subjetiva cuja determinação estará sempre sujeita a senões) a partir da apuração dos valores icônicos (expressivos, presentificadores) e dos valores indiciais (impressivos, diretivos).

A expressividade será maior ou menor segundo o potencial icônico-figurativo emergente da unidade lexical; e a impressividade será proporcional à força vetorial do signo. Em ambos os casos, o leitor poderá estar sendo conduzido a um sentido claro e indiscutível tramado para a compreensão eficiente ou conveniente da mensagem. Usa-se aqui o termo *eficiente* para caracterizar o conteúdo unívoco; e *conveniente* para o conteúdo pseudo-unívoco — aquele que parece, mas nem sempre é.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O *CORPUS*.

O *corpus* de nossa análise é o conto de Guimarães Rosa *Meu tio o Iauaretê* que integra o livro *Estas Estórias* (1969—publicação póstuma). O tempo desta comunicação não permite a leitura de tão longo conto; porém, cumpre dizer que se trata de um expoente na obra rosiana, pois, segundo declarou Haroldo de Campos em *A linguagem literária do Iauaretê*¹, esta narrativa representa o estágio mais avançado de

seu experimento com a prosa. O crítico assevera que em *Meu tio o Iauaretê* a palavra irrompe no primeiro plano, configurando a personagem e a ação. Guimarães Rosa vai às últimas conseqüências na seleção lexical produzindo um desfecho para o conto em que o discurso linear, narrado, é substituído por uma sucessão de formas onomatopaicas que constroem iconicamente a metamorfose da personagem do onceiro (o protagonista do conto) em uma onça que morre baleada pelo interlocutor-personagem que se apavora ante a oncificação presenciada.

Eis o trecho: *He... Aar-rr... Aaâh... Cé me arrhoôu... Remuaci... Rêiucàanacê... Araaã... Uhm... Ui Ui... Uh... uh... êêêê... êê... ê ê... (GR, 1994: 852)*

Após estas poucas palavras já se pode deduzir o potencial icônico-indicial dos signos eleitos por Guimarães Rosa (doravante indicado por GR) na narrativa em questão, uma vez que o texto que representa a fala do onceiro foi capaz de alucinar seu interlocutor a ponto de matar o bugre, então transmutado em onça, uma fera!

No desfecho acima transcrito, GR presentifica o estertor da morte do bugre oncificado aproximando o narrado ao narrador e ao leitor, fazendo da linguagem verbal expressão suficiente para a composição da cena da morte. Naquele trecho, GR consegue desenhar com as palavras, e a imagem resultante é tão forte que o conto torna-se em cena teatral ou fílmica. O leitor (que presentifica também os sons ali representados) assusta-se e sofre a experiência dupla de caça e caçador. Em suma, vive a tragédia.

Tudo isto se torna possível em decorrência da habilidade semiótica de GR. Ele consegue utilizar o ingrediente icônico das unidades léxicas, tornando-as suporte do processo perceptivo, fazendo os signos selecionados funcionarem como substrato da ilusão de que o objeto-texto, tal como é percebido, é o próprio objeto (cf. Santaella, 1995: 153): a história do onceiro que vira onça e como tal é morto pelo interlocutor hipotético (ou invisível) indicialmente representado na superfície textual.

DEMONSTRANDO A ANÁLISE DO LÉXICO

Como já foi dito, o conto é extenso. Então, serão transcritos trechos seletos nos quais serão apontadas unidades léxicas que representarão nossa taxionomia: *palavras-icone*, *palavras-índice*. Em ambos os casos, as palavras serão observadas como *vetores orientadores* ou *desorientadores*. Leia-se o fragmento 1:

(...) Hã, pode trazer tudo pra dentro. Erê! Mecê desarreia cavalo, eu ajudo. Mecê peia cavalo, eu ajudo... Traz alforje pra dentro, traz saco, seus dobros. Hum, hum! Pode. Mecê cipriuara, homem que veio pra mim, visita minha; ia-nhã? Bom. Bonito. Cê pode sentar, pode deitar no jirau. Jirau é meu não. Eu — rede. Durmo em rede. Jirau é do preto. Agora eu vou ficar agachado. Também é bom. Assopro o fogo. Nhem? Se essa é minha, nhem? Minha é a rede. Hum. Hum-hum. É. Nhor não. Hum, hum... Então, por que é que cê não quer abrir saco, mexer no que tá dentro dele? Atié! Mecê é lobo gordo... Atié! É meu, algum? Que é que eu tenho com isso? Eu tomo suas coisas não, furto não. A-hé, a-hé, nhor sim, eu quero. Eu gosto. Pode botar no coité. Eu gosto, demais...

Compusemos quadros demonstrativos das funções-valores com que interpretamos as formas destacadas do fragmento 1. Tomamos como referência de leitura a relação *homem & onça*, a partir da qual estabelecemos os semas *humano & não-humano* como referência para determinação dos significados e sentidos gerados no texto.

O quadro 1 analisa vocábulos exóticos que são atualizados no texto e que nele inscrevem marcas do estado primitivo da personagem principal — o onceiro — e do cenário que o contextualiza na história vivida.

QUADRO 1 – DAS INTERJEIÇÕES E/OU ONOMATOPÉIAS

PALAVRAS	SIGNIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA	REPRESENTA	TIPO SÍGNICO	FUNÇÃO:
----------	--------------------------	------------	--------------	---------

Hã,	Anuência e estímulo (= vamos!)	Receptividade do onceiro para com o visitante	Ícone	Orientadora
Hum, hum! Hum. Hum-hum	Afirmção. Concordância	Entendimento entre os interlocutores	Ícone	Orientadora
		Passa turno ou encerra conversação?	Índice	Desorientadora Ambivalente
Erê!	Comando de animal	Habilidade com os animais	Índice	Orientadora
	sinalizador de direção	Gentileza ou autoridade com o hóspede?	Índice	Orientadora
ia-nhã?	Interrogação que induz resposta positiva (= não é?)	Hospitalidade	Ícone-índice	Orientador
Nhem?	Indagação	Simulador de conversa com interlocutor invisível	Ícone-índice	Desorientadora Ambivalente
		Inquietação	Ícone	
Atié!	Enfado	Cansaço e reprovação	Ícone	Orientador
A-hé, a-hé	Entusiasmo	Curiosidade, excitação ou incitação?	Ícone-índice	Desorientadora Equívoca

O quadro 2, partindo dos semas eleitos como básicos, levanta o potencial significativo das unidades léxicas destacadas do fragmento 1, indicando as noções que evocam e que vão construindo uma ambiência ambígua ou equívoca entre *civilidade & hostilidade, carência de afeto & carência de alimento, conversa & artimanha, etc.*

QUADRO 2 – DOS DOMÍNIOS SEMÂNTICOS

LEXEMAS	SEMA	SENTIDO	TIPO SÍGNICO	FUNÇÃO
CAVALO, ALFORJE	Não-humano	Montaria	Ícone	orientadora
DESARREIA, PEIA	Humano	Ação de cavaleiro	Índice	orientadora
REDE	Humano	Leito	Ícone	desorientadora
	Não humano	Armadilha	Índice	
JIRAU, SACO, COITÉ	Humano	Utensílio para uso humano	Ícone	desorientadora
		Típico dos mocambos		
PRETO (S.),	Humano	Indivíduo negro	Índice	desorientadora
	Não-humano	Animal de pelagem negra	Índice	
AJUDAR, PODER, ASSOBRAR	Humano	Ação	Índice	desorientadora
	Não-humano			
AGACHADO	Humano	Subserviência	Ícone	desorientadora
	Não-humano	Emboscada	Ícone	
VISITA	Humano	Visitante	Ícone	orientadora

Os valores mostrados no quadro 2 podem ser testados a partir da continuação da leitura do conto, uma vez que se constroem ao longo da narrativa. Contudo, o fragmento 2 já contém alguns novos itens léxicos que podem confirmar a leitura que se vem encaminhando: a que mostra um quadro em que o racional e o irracional se defrontam, se combinam, se misturam e deixam manifestar-se o homem-fera que se esconde em cada um de nós. Observem-se os trechos grifados no fragmento 2:

(...) Aí eu aprendi. **Eu sei fazer igual onça**. Poder de onça é que não tem pressa: aquilo deita no chão, aproveita o fundo bom de qualquer buraco, aproveita o capim, percura o escondido de detrás de toda árvore, escorrega no chão, mundéu-mundéu, vai entrando e saindo, maciinho, pó-pu, pó-pu, até pertinho da caça que quer pegar. **Chega, olha, olha, não tem licença de cansar de olhar, eh, tá medindo o pulo**. Hã, hã... Dá um bote, às vezes dois. Se erra, passa fome, o pior é que ela quase morre de vergonha... Aí, vai pular: olha demais de forte, olha pra fazer medo, tem pena de ninguém... Estremece de diante pra trás, arruma as pernas, **toma o açoite**, e pula pulão! — é bonito... [grifamos]

TRECHO DESTACADO	PREMISSAS DE LEITURA	TIPO SÍGNICO
Eu sei fazer igual onça	Homem = onça	Ícone-índice
Chega, olha, olha, não tem licença de cansar de olhar, eh, tá medindo o pulo	Artimanha	Índice
Toma o açoite ²	Efeito-supresa	Índice-ícone

Cumpra então explicitar as classificações combinadas: *ícone-índice* e *índice-ícone*. Segundo Peirce, o *ícone* é a representação por excelência, já que ele pode dar a um risco de lápis o valor de uma linha geométrica. No entanto, o *índice* é uma representação condicionada à conexão que ele estabelece com o objeto representado (cf. Peirce, 1990: 74, § 304). Destarte, o ícone é um gerador de imagens, ao passo que o índice é um simples vetor que sugere, provoca a criação de imagens. Contudo sua força geradora se esvai quando se rompe o vínculo entre o signo indicial e o objeto a que representa.

Em se tratando de texto literário, impõe-se lembrar da prevalência da plurissignificação como sua característica fundamental. Logo, os signos plurivocamente construídos passam a funcionar como signo, no mínimo, duplo. Daí advêm as combinações *ícone-índice* e *índice-ícone* em nossa análise.

PALAVRAS FINAIS

A habilidade rosiana na recriação da língua torna possível demonstrar-se a partir do conto-*corpus* deste breve estudo o potencial significativo do léxico do português do Brasil associado a formas aborígenes de linguagem das quais o autor se apropria para presentificar a história do bugre-onceiro que se torna onça.

A partir da iconicidade dos signos, GR produz a ilusão da imagem da metamorfose do zagaieiro em onça, isomorficamente: a transfiguração se dá no exato momento em que a linguagem se desarticula, e os resíduos fônicos resultantes soam como rugido e estertor: o interlocutor virtual percebe a metamorfose e dispara o revolver (que mantivera engatilhado durante toda a conversa) contra o homem-iauaeté.

Por conseguinte, a literatura, a nosso ver, precisa ser mais bem trabalhada em prol do enriquecimento lexical e enciclopédico do leitor. Para tanto, os docentes precisam arregaçar as mangas e desbravar os textos, esmiuçando-lhes o vocabulário e apropriando-se do potencial imagético da língua portuguesa considerada como matéria-prima para a representação da experiência, seja de forma artística ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix. 1976.
- FERREIRA, Aurélio B. De H. *Dicionário Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Versão digital.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. 4ª ed. São Paulo. Difel, 1986.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva 1990.
- ROSA, Guimarães. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2 Vol. 1994
- SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos. Semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

1 Suplemento literário do *Estado de São Paulo*, 22/12/1962. Transcrito em *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 47-51.

2 A expressão *toma o açoite* pode ser interpretada metaforicamente como *repentinamente, de súbito* (cf. **De açoite**. *Bras. 1. De repente, de súbito, subitamente, súbito; de estalo*. Aurélio, s.u.).